

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

III – PRIMEIRO LIVRINHO (3,1–7,29)

CAPÍTULO 7

O capítulo 7 é a terceira e última parte do Sermão da Montanha. Jesus aprofunda certos temas que são como luzes a guiar os seus seguidores pelas estradas da vida. Não são receitas na linha da autoajuda, mas são pontos de reflexão. São orientações que levam a uma profundidade de vida cada vez maior. O cristão não é chamado a ser cristão para ter uma vida medíocre – na média, seguindo a maioria. O que Cristo quer de nós é que vivamos uma vida plena.

**Em vermelho, o texto da Bíblia da Ave Maria.*

FRATERNIDADE VERDADEIRA (7,1-12)

Não julgar as pessoas (7,1-5)

¹Não julgueis, e não sereis julgados. ²Porque do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida com que tiverdes medido, também vós sereis medidos. ³Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu ⁴Como ousas dizer a teu irmão: deixa-me tirar a palha do teu olho, quando tens uma trave no teu? ⁵Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e assim verás para tirar a palha do olho do teu irmão.

- Jesus pede que evitemos julgar os outros. Porque seremos julgados pelo mesmo critério. Porque não temos condições de avaliar objetivamente uma outra pessoa. Porque somos irmãos e irmãs uns dos outros.
- Isso não quer dizer que precisamos justificar os atos negativos das pessoas. Temos inclusive o direito de nos proteger das suas consequências. Mas as pessoas são sempre maiores do que os seus atos.
- O Sermão da Montanha não é lei, mas evangelho (boa notícia). A diferença é que a LEI é realizada pelo esforço humano, já o EVANGELHO é a acolhida do impulso divino que se manifesta em nós nos mais diversos momentos da vida. A lei incentiva o sentimento de orgulho; o evangelho, o sentimento de gratidão. Algumas vezes, vamos ter que recorrer ao julgamento das pessoas. Para o seguidor de Jesus, este comportamento deve ser reduzido ao mínimo e somente para se proteger ou proteger outras pessoas.

Não fazer o contrário do que se pretende (7,6)

⁶Não lanceis aos cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as calquem com os seus pés, e, voltando-se contra vós, vos despedacem.

- É um versículo avulso. Os cães e os porcos querem mesmo comer. Assim sendo, não teria sentido oferecer aos cães os alimentos consagrados no templo, pois os mesmos

não iriam se alimentar deles com o devido respeito. O mesmo raciocínio vale para os porcos: eles não querem comer pérolas!

- Esta sentença está querendo dizer para os discípulos que eles não podem falar de coisas santas a pessoas que não tem as mínimas condições de acolher tal mensagem. Muito menos deve-se oferecer a pessoas despreparadas todas as riquezas de fé.
- A evangelização supõe ajudar as pessoas a terem estas condições mínimas. Senão, o efeito da ação seria o contrário daquilo que se pretende.

Pedir o que deve ser pedido (7,7-11)

⁷Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. ⁸Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á. ⁹Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? ¹⁰E se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? ¹¹Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai Celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem.

- A oração é considerada sob o ângulo da perseverança. Três insistentes verbos inculcam na necessidade da oração contínua. Outros três lhes são resposta: pedir-receber, procurar-encontrar, bater-abrir. Para ilustrar, uma comparação familiar: se o filho pede alimento necessário pra viver (pão e peixe), o pai vai lhe dar o contrário que precisa? Pedra ou serpente?
- A oração de petição é sim aconselhada por Jesus. Mas, precisamos pedir certo.

Regra de ouro (7,12)

¹²Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles. Esta é a lei e os profetas.

- Desde o século XVIII, esta palavra de Jesus é conhecida por “regra de ouro”. No tempo de Jesus, tal regra era utilizada por outros. O mestre Hillel assim ensinou a um recém convertido: “não façam a outros o que não queres que te façam. Esta é toda a Torá, o resto é comentário”.
- Jesus inverteu esta regra, trocando o sentido negativo para o positivo: o que queremos que nos façam, devemos primeiro fazer aos outros. Simples.
- A fórmula negativa gera a ética da reciprocidade (ou o mal que não deve ser feito); a positiva (de Jesus), a da solidariedade (o bem que deve ser feito).

A ESCOLHA CERTA (7,13-27)

Mais fácil ou melhor? porta estreita (7,13-14)

¹³Entrai pela porta estreita. Porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição e numerosos são os que por aí entram. ¹⁴Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram.

- Jesus alerta contra a chamada “lei do menor esforço”. Diante de duas alternativas, a nossa tendência é escolher a mais fácil de ser realizada. O Mestre pede que prestemos

atenção na alternativa mais difícil, pois, na maioria das vezes, é a alternativa melhor. A maioria das pessoas vai escolher o caminho mais fácil.

- A porta estreita representa o caminho mais difícil; e a porta larga, o mais fácil. Quem quer ser discípulo de Jesus tem que ter a coragem de escolher o caminho mais difícil, o caminho escolhido por uma minoria; mas é o caminho da vida.

Os frutos revelam a qualidade da árvore (7,15-20)

¹⁵Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores. ¹⁶Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos? ¹⁷Toda árvore boa dá bons frutos; toda árvore má dá maus frutos. ¹⁸Uma árvore boa não pode dar maus frutos nem uma árvore má, bons frutos. ¹⁹Toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. ²⁰Pelos seus frutos os conhecereis.

- Os falsos profetas aparentam ser quem não são. Na realidade, fingem ser o que não são (=ovelhas) com o objetivo de usar das pessoas (=lobos) para os seus interesses particulares.
- É preciso olhar não as aparências, mas o ser da pessoa. E só poderemos entender um pouco o ser das pessoas (e o nosso próprio), observando os seus frutos: a sua postura de vida, as suas atitudes. Frutos bons revelam que a árvore é boa.

O que realmente agrada a Deus? (7,21-23)

²¹Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. ²²Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres? ²³E, no entanto, eu lhes direi: nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus.

- Dizer Senhor, Senhor, é uma ação tipicamente religiosa: um ato de louvor. Preguar em nome de Jesus, expulsar demônios, fazer milagres são também ações religiosas. São boas ações, mas, em si mesmas, não garantem que estamos vivendo sob o dinamismo do reino (ação de Deus).
- O que nos torna parte do reino é a sintonia com o querer de Deus, sua vontade. Deus só pode agir através de nós, se estivermos disponíveis à sua vontade. Isso significa que a nossa vontade deve estar orientada para a vontade divina.

O alicerce de uma vida com sentido (7,24-27)

²⁴Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. ²⁵Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. ²⁶Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. ²⁷Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi sua ruína.

- A parábola da casa construída sobre a rocha nos ensina como construir corretamente a nossa vida. “A vida é dada, mas não é dada pronta” (Ortega Y Gasset). A pergunta que

devemos sempre fazer é a seguinte: a nossa vida tem alicerce (profundidade) ou é sem alicerce, superficial?

- “Ouvir e pôr em prática”. Escuta e ação. O difícil mesmo está na ação. Construir sobre rocha implica um árduo trabalho de cavar a terra até encontrar uma rocha firme para ser o alicerce. Já construir sobre o solo plano e arenoso é bastante fácil e não exige muito esforço.
- Chuva, enchentes e ventos atingem ambas as edificações, mas a construída sobre rocha permanece em pé. Problemas, dificuldades, provações todos teremos que enfrentar. Como não cair? Resposta de Jesus: colocar em prática a sua palavra.

CONCLUSÃO DO DISCURSO (7,28-29)

²⁸Quando Jesus terminou o discurso, a multidão ficou impressionada com a sua doutrina.

²⁹Com efeito, ele ensinava como quem tinha autoridade e não como os seus escribas.

- “Quando Jesus terminou o discurso”: estamos no final do primeiro livrinho. Jesus ensinava de uma maneira clara, amorosa, desafiadora e coerente. É um verdadeiro mestre, pois indica e convoca um novo caminho de vida.
- Jesus ensinava com autoridade (“exousia” em grego). Mas a autoridade de Jesus brotava da qualidade de suas palavras. Os escribas eram os especialistas da lei: tinham uma autoridade legal (eram instituídos) diante do povo para interpretar a lei e indicar a melhor maneira de a colocar em prática. Podemos dizer que Jesus tinha autoridade moral para falar do jeito que falava.